

Cinco décadas de cinema

Por Pedro F. Bendassolli

Com seus altos e baixos, o cinema brasileiro foi nos últimos cinquenta anos um fiel observador da realidade local. Os filmes aqui comentados, frutos de uma seleção pessoal, constituem grandes obras, criadas por dire-

tores que marcaram sua geração por sua excepcional sensibilidade social e capacidade estética. Por meio do cinema, eles criaram registros críticos sobre o poder, a política e a identidade brasileira.



Os cafajestes

Diretor: Ruy Guerra, 1962.

O lançamento de “Os cafajestes” foi cercado por intensa polêmica e o filme tornou-se rapidamente alvo de censura por parte de grupos conservadores. No centro da trama está um jovem *playboy* que, preocupado com a falta de dinheiro, monta um plano para extorquir um tio rico. Ao retratar a vida de malandros e marginais, o filme oferece uma análise aguda da sociedade e da disputa pelo poder.



Terra em transe

Diretor: Glauber Rocha, 1967. Difilm.

A obra-prima de Glauber Rocha retrata figuras arquetípicas da cena social e política brasileira: o caudilho de direita, o populista de esquerda, o empresário conservador e o intelectual em crise. A cena se passa em um país imaginário, El Dorado. A narrativa é fragmentada e operística. No centro da obra, uma crítica sofisticada aos nossos modelos de liderança.



A dama do Cine Shangai

Direção: Guilherme de Almeida Prado, 1988. Star Filmes.

O filme narra o encontro de um corretor de imóveis, em um cinema do centro de São Paulo, com uma mulher bela e misteriosa, muito parecida com a protagonista do filme em exibição. A partir do encontro, o corretor passa a viver uma aventura que mistura suspense e paixão. Urbana e sofisticada, a obra faz uma análise sensível da realidade, sinalizando uma nova época para o cinema brasileiro.



Central do Brasil

Diretor: Walter Salles, 1998. Europa Filmes.

Premiado com o Urso de Ouro no Festival de Berlim, “Central do Brasil” traz a história de uma escritora de cartas para analfabetos que se incumbiu da tarefa de levar um garoto, cuja mãe acabara de falecer, ao reencontro com o pai no interior do Nordeste. A viagem é, na verdade, uma metáfora para a redescoberta de uma identidade nacional perdida.

“A arte é feita para perturbar; a ciência tranquiliza.”

Georges Braque